Universidade de Brasília

Instituto de Relações Internacionais

Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais

XVI Curso de Especialização em Relações Internacionais

Relações Coreia do Sul – Brasil: Identificação das Dicficuldades no Comércio

Younjung Kim

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Virgílio Caixeta Arraes

Brasília
2015

Resumo

O objetivo do presente trabalho é realizar uma análise das cooperações entre a Coreia e o Brasil desde o ano de 1959, quando começou a relação comercial. O estudo tem a intenção de analisar os obstáculos que criam dificuldades para melhorar as cooperações de economia e de comércio entre os dois países, e dar as providências para aumentar a parceria, comparando com a atual parceria da China com o Brasil.

Palavras-Chave: Coreia do Sul, Brasil, Cooperação.

Abstract

The goal of the present work is to analyze the cooperation between South Korea and Brazil since 1959, when the trading relation started. The study has the intention to analyze the obstacles, which create difficulties to improve the cooperation in economy and in trading between the two countries, and provide solutions to raise the partnership, comparing with the actual partnership among China with Brazil.

Keywords: South Korea, Brazil, Cooperation.

Introdução

No ano de 1959, a Coreia do Sul e o Brasil estabeleceram uma relação que completou 56 anos em 2015. No início, os dois países focaram no assunto de diplomacia da Guerra Fria (Cold War Diplomacy) e de emigração. Porém, o presidente Kim Young Sam, ao assumir o cargo no ano de 1993, realizou uma reunião de cúpula; desde então, a diplomacia econômica e comercial foi intensificada entre os dois. Na primeira cúpula, os dois presidentes confirmaram que tinham os mesmos objetivos no tema de desenvolvimento econômico, democratização e reforma política e concordaram em desenvolver a cooperação quando da visita do presidente sul-coreano (Naver, acessado em 09/03/2015).

O presidente Fernando Henrique Cardoso, na sua primeira visita, em janeiro de 2001, concordou em estabelecer a "Parceria Especial para o Século XXI" com a Coreia do Sul, pelo motivo de promover as relações continuamente nas áreas de economia, de comércio entre outras. Depois disso, prosseguiu a visita do presidente sul-coreano Roh Moo-hyun em 2004, a do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2005 e a do presidente Lee Myung-bak em 2008.

A cada visita, mesmo que os presidentes da Coreia do Sul e do Brasil tenham se esforçado para achar equilíbrio nos valores compartilhados, eles não conseguiram encontrar respostas claras, nem conseguiram desenvolver as cooperações de investimento e de comércio como queriam. Surgindo a China como uma superpotência emergente, o intercâmbio entre o Brasil e ela aumentou e isso pode prejudicar a relação de cooperação da Coreia do Sul com o Brasil. Por isso, o governo sul-coreano deveria adotar medidas quanto a problemas que podem aparecer no futuro.

Baseado nesses fatos, o estudo analisa a diplomacia econômica e comercial focada nas cooperações para investimentos entre a Coreia do Sul e o Brasil, comparando com a China. Com isso, extrai os obstáculos que produzem interferências nas relações de cooperações entre Coreia-Brasil e apresenta algumas ideias para melhorar e ampliar as relações no campo econômico e comercial.

Este estudo é norteado por questões específicas. Em primeiro lugar, a Coreia do Sul e o Brasil podem melhorar as relações comerciais e de investimentos? Em

segundo lugar, caso valha a pena, quais seriam os motivos que conduzem a troca dos dois países para baixo? Em terceiro, qual a providência que o governo coreano pode tomar a fim de melhorar a cooperação com o Brasil?

Com base nessas questões, o estudo foi composto por quatro capítulos. Seguindo da introdução, vem o primeiro que apresenta o começo das trocas comerciais entre a Coreia e o Brasil. Mais especificamente, a pesquisa baseou-se no início da diplomacia econômica e comercial e das principais questões diplomáticas entre os dois países. No segundo, analisa-se a presente situação de intercâmbio de investimento e de comércio entre as duas nações.

Na terceira parte, avalia-se o nível de parceria do governo coreano e das empresas coreanas, a fim de retirar os obstáculos que dificultam a ampliação de investimento e de comércio. No quarto, pesquisa-se a parceria entre o Brasil e a China e enfatiza-se a diferença que a China possui na parceria com o Brasil, comparando-a com sul- coreana.

Na conclusão, somando à análise supramencionada, são observados os obstáculos que dificultam o aumento das relações entre a Coreia e o Brasil e busca-se dar providências para aumentar a parceria no nível do governo coreano.

Capítulo 1 – Início da parceria Coreia do Sul-Brasil

1.1 Começo da Diplomacia Econômica e Comercial

A primeira República Coreana foi estabelecida pela Constituição decretada no dia 17 de julho de 1948. O então presidente Rhee Seung Man executou a política externa baseada no que os Estados Unidos definiam. Esta dependência política foi resultado da ajuda norte-americana na criação do país.

Com o fim da Guerra da Coreia no ano de 1950, a Coreia do Sul estabeleceu relações diplomáticas com 25 países, enquanto a Coreia do Norte, com 12 países. A Colômbia e o México mandaram um batalhão juntamente com um número de outros países, apoiando o lado sul-coreano com suprimentos de emergência para ajudar a população. Ao estabelecer a parceria com o Brasil no ano de 1959, a Coreia podia obter uma relação diplomática essencial na América Latina (MOFA,1999:66). O governo sul-coreano queria aproveitar o momento para fortalecer a diplomacia com os países latino-americanos, com o objetivo de criar oportunidade de negócios em longo prazo.

Desde que a Coreia estabeleceu relações com o Brasil, os dois países trataram o assunto de emigração e de agricultura como conteúdo principal e, no ano de 1962, a lei de emigração foi proclamada. A partir de 1970, com o apoio do governo, a quantidade de emigrantes cresceu, mas não de forma significativa, por causa da diferença econômica entre a Coreia e o Brasil, o que afastou a emigração para o país sul-americano que se tornou raro por um período.

Na sexta República (de 1988 até o presente), a Coreia do Sul conseguiu fazer parceria com os países comunistas ampliando sua atuação diplomática. Nesse período, a Coreia também quis modificar a tendência de exportação que era excessivamente dependente dos Estados Unidos; para isso, os presidentes sul-coreanos visitaram os países da América Latina e conseguiram fazer o acordo de cooperação científica, o protocolo de cooperação turística, o protocolo de desenvolvimento econômico-social, entre outros. Este período é, portanto, avaliado como o de base para a expanção da diplomacia com os países latino-americanos.

A visita ao Brasil do presidente Kim Young Sam no ano de 1996 trouxe um ponto de virada nas relações entre os dois países. A reunião de cúpula foi realizada

com o presidente Cardoso que consegiu abrir mais a economia brasileira para receber investimentos estrangeiros e obteve relativa estabilidade econômica. As relações com o Brasil, que era o hub da América Latina, foram importantes para a Coreia, pois visava à globalização e a modificação da sua estrutura econômica. Esse desejo não era apenas focado em ser um país desenvolvido, mas também era para diversificar o seu campo de mercado.

Quando o presidente Kim Dae Joong assumiu o cargo de dirigente do país sul-coreano, os países em desenvolvimento eram parceiros vitais durante a crise financeira. As exportações para os países desenvolvidos diminuíram de 70% das exportações totais da Coreia em 1980, para 49,9% em 1995 e para 48,2% em 1998(Jo 2009).

Por outro lado, as exportações para os países em desenvolvimento aumentaram dramaticamente de uma média de apenas 30% para um gritante 50% (Mofa, 1999: 194). O que foi mais importante do que o aumento das exportações para os países em desenvolvimento foi criar superávit comercial. Do superávit comercial total em 1998 (39 bilhões de dólares), as exportações para os países em desenvolvimento foram responsáveis por 84,2% (32,8 bilhões de dólares) (Mofa, 1999: 194). O incremento de escala comercial e superávit fizeram a Coreia compensar economicamente os países em desenvolvimento. A Ajuda Pública ao Desenvolvimento (APD) foi a melhor forma de compensação. A Coreia forneceu cerca de 183 milhões de dólares à APD (Jo 2009).

Em 9 de março de 2001, estabeleceram-se relações diplomáticas entre a Coreia do Norte e o Brasil, o que acrescentou um significado maior para a visita do presidente Kim Dae Joong. O presidente Kim declarou que o laço diplomático entre o Brasil e a Coreia do Norte iria contribuir à paz e à estabilidade na península coreana e, também, elogiou o esforço do governo brasileiro em cooperar com a Coreia do Sul para melhorar as relações com a do Norte.

No governo de Roh Moo-hyun de 2003 a 2008, o sul-coreano considerou o Brasil, junto com outros países latino-americanos, como candidatos para estabelecer acordos de cooperação em energia e de recursos naturais. Após a visita do presidente Kim, as relações comerciais e de investimentos aumentaram e por isso muitas empresas industriais coreanas se estabeleceram no Brasil. O caminho para a

colaboração entre a Coreia e o Brasil foi criado para: pesquisas conjuntas sobre a adequação, para estabelecer acordo de comércio livre entre a Coréia e o MERCOSUL; a criação de um comitê de recursos e de energia no nível ministerial; manter nível alto no sistema de cooperação de comércio; e fundar um centro de colaboração para TI.

Kim Kwang Dong, ex-embaixador no Brasil, descreveu a visita do presidente Roh como *"sales summit diplomacy"*. O ex-embaixador disse que a Coreia e o Brasil foram os melhores parceiros estratégicos para a cooperação recíproca no tocante a ofertas de alimentos e de recursos minerais. Assim, os dois países se esforçaram em construir a base para a cooperação em energia e TI com o Acordo de Comércio Livre da Coreia do MERCOSUL (Kim 2004).

Na época do governo do presidente Lee Myung Bak, ele buscou, via pragmatismo, o crescimento econômico e a diplomacia energética. Prometeu revitalizar a economia, ao valer-se também da diplomacia. Ele argumentou que, em vez de depender de importação de energia através de ação unilateral e prazo curto de diplomacia energética, a Coreia deveria utilizar sua experiência em desenvolvimento, seus recursos humanos e materiais para realizar a diplomacia energética recíproca de longo prazo com os países ricos em recursos naturais. Diplomacia de energia e de recursos naturais já tinha sido implementada pela administração de Roh Moo Hyun e o presidente Lee acrescentou o benefício mútuo como política. Ele visitou o Brasil no dia 19 de novembro de 2008 e era o terceiro presidente sul-coreano a fazer isso.

1.2 Esforços da Coreia-Brasil: Melhorar a Diplomacia Econômica e Comercial

Nos anos de 1960 a 1970, a economia coreana era inferior à brasileira e, por causa disso, a cooperação entre os dois países era bem insignificante. Em 1986, a renda per capita da Coreia chegou perto da do brasileiro e a Coreia resolveu abrir seu mercado ao exterior gradualmente. Com esse investimento internacional, o país conseguiu desenvolver o setor industrial. Mesmo que a economia coreana tenha crescido bastante, era difícil investir no Brasil por causa de sua localização.

A década de 80 foi um período de estagnação na relação entre a Coreia e o Brasil. Em primeiro lugar, a América Central e a América do Sul estavam em profunda recessão e a Coreia estava muito focada em política com a Coreia do Norte

e, por causa disso, a América Latina recebeu relativamente pouca atenção. Houve pedidos para a colaboração entre a tecnologia avançada e de capital da Coreia e os recursos da América Latina para a criação de um novo motor de crescimento, mas não houve progressos visíveis. Este período foi significativo, pois o comércio corporativo privado foi constante, exibindo o potencial e as possibilidades de cooperação inter-regional.

Na década de 1980, as barreiras comerciais sistemáticas, ou seja, o conflito entre a política de comércio da Coreia para a exportação e a estratégia de substituição de importação do Brasil foram aliviadas. Também a indústria pesada e química da Coreia e recursos do Brasil foram integrados para formar uma estrutura de comércio mutuamente benéfico.

Desde o final da década de 1980, o investimento estrangeiro de indústrias coreanas aumentou. Os dois países discutiram principalmente sobre questões relacionadas aos emigrantes coreanos no Brasil. A relação da Coreia e do Brasil desenvolveu substancialmente na década de 1990.

Os acordos assinados entre a Coreia e o Brasil ilustram tal perspectiva claramente. Não houve troca particular entre os dois desde o acordo de comércio em 1963 e um acordo cultural em 1967. Em 1989, o memorando de entendimento para a fundação de uma comissão conjunta foi assinado, o que provocou a conclusão de vários acordos.

O comércio fervoroso executado pelas empresas privadas levantou a possibilidade de uma reunião de cúpula e a visita do presidente Roh Tae Woo ao México em 1991, que acelerou a colaboração com o governo brasileiro. A partir de então, a Coreia e o Brasil assinaram acordos práticos que fizeram as bases para estreitar as relações. O principal objetivo da corporação administrada pelo governo sul-coreano era para ramificar-se no Brasil, tais progressos realizados que fizeram o presidente Kim Young Sam visitar o Brasil em setembro de 1996.

Em seguida, a “Comissão de Parceira Especial para o Século XXI” da Coreia e do Brasil foi lançado e operou até 1999. A Coreia promulgou a diplomacia ativa, enviando o Ministro do Comércio, Indústria e Energia, Park Tae Young e o Primeiro-Ministro Kim Jong Pil para o Brasil. Era verdade que a política externa do Brasil para a Ásia estava focada no Japão e na China, mas a importância geopolítica da

Coreia levou o presidente Fernando Henrique Cardoso a fazer uma visita à Coreia do Sul(Jo 2009).

Ambos desejavam a democracia liberal e estavam dentro das 20 maiores potências econômicas do mundo. A importância do Brasil era grande para a Coreia para que esta pudesse entrar no mercado sul-americano. Além disso, os recursos naturais do Brasil eram cruciais para a Coreia em um momento de escassez. O governo brasileiro também estava em busca de reforçar as relações e de atrair tecnologia avançada coreana para investimento externo direto. Portanto, as perspectivas para a cooperação econômica entre Coreia e Brasil pareciam ser promissoras.

Capítulo 2 – Presente de Comércio e Investimento entre Coreia-Brasil

2.1 Status da Cooperação Econômica e Comercial: Comércio

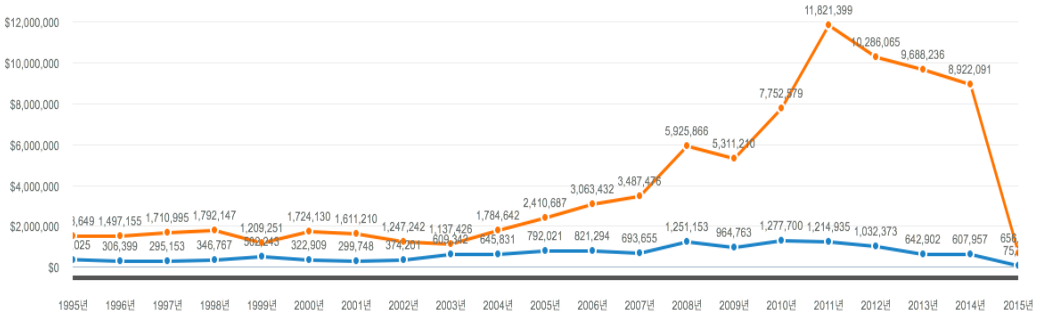

Gráfico 1. Korea´s Annual Export toward Brazil: Korean International Trade Association (KITA)

Se analisarmos os negócios depois de 2004, o comércio para o Brasil aumentou nitidamente - cerca de 24% na média anual. Também se pôde confirmar no gráfico acima que a velocidade de crescimento das exportações excedeu o crescimento das importações após 2006, o que criou grande superávit.

O motivo de as exportações para o Brasil terem tomado rumo favorável, naquele período, podem ser explicados pela expansão do mercado interno brasileiro devido à estabilidade da economia brasileira, pelo aumento de compras dos carros graças à redução temporária do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) do governo brasileiro, pelo aumento das exportações de bens de capital e materiais por conta do incremento dos investimentos das empresas coreanas e pela condução dos projetos nacionais de grande escala do governo brasileiro.

Desde meados da década de 1990, o Brasil tornou-se um importante parceiro comercial na América Latina, por crescer a escala no mercado doméstico brasileiro com base no incremento da sua economia e fixar-se como o décimo país a fazer significativos negócios comerciais no ano de 2011.

Porém, como o gráfico demonstra, após o crescimento de forma inclinada do volume de comércio entre 2009 e 2011, houve uma diminuição gradual. Entre 2011 e 2012, reduziu o intercâmbio 13%, 5,8% entre 2012 e 2013 e 7,9% entre 2013 e 2014.

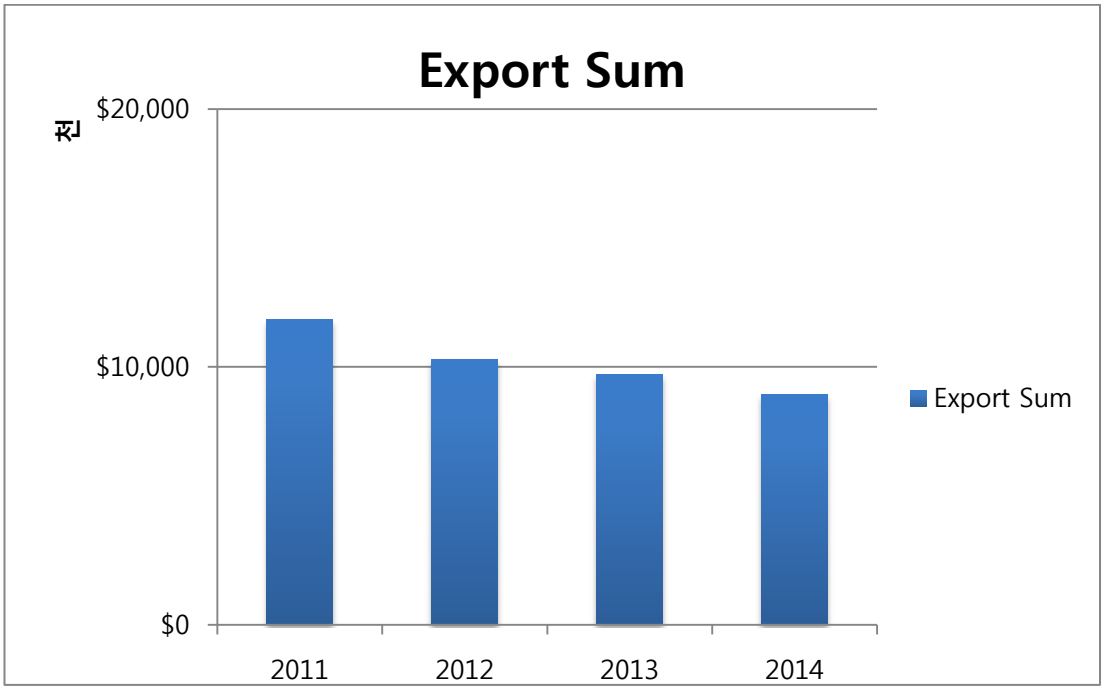

Gráfico 2. Korea´s Export Sum toward Brazil: Korean International Trade Association (KITA)

Depois de 2011, seguindo os anos de 2012, 2013 e 2014, gradualmente diminuiu a porcentagem de exportação de produtos sul-coreanos para o Brasil, como se pode ver no gráfico acima. Em janeiro de 2015, o Brasil foi marcado como a décima sétima maior parceira em exportação de produtos da Coreia.

A queda de exportações foi consequência da instabilidade econômica no final do primeiro mandato da Presidente Dilma Rousseff e início do segundo. O Brasil passa por uma fase de mundanças na estrutura econômica do país, pois busca o crescimento do PIB e desenvolvimento da nação com maior estabilidade e segurança política.

2.2 Status da Cooperação Econômica e Comercial: Investimento

Até a década de 1980, o investimento coreano no Brasil foi concentrado em avançar pelo território brasileiro através das instalações das subsidiárias de vendas e de serviço central de ligação das companhias gerais de comércio e das empresas DE grande porte, em vez de investimento externo direto.

A partir de 1994, o investimento real no Brasil começou. Especialmente em 1996, pelo motivo da visita do presidente Kim Young Sam, as empresas coreanas começaram a mostrar interesse no Brasil e aumentaram o volume de investimento

rapidamente anunciando projetos de investimento em larga escala um após o outro. Porém, a expansão dos investimentos não foi adiante e a maior parte dos investimentos planejados foi cancelada na época, por causa da crise financeira asiática em 1997 e da crise econômica do Brasil em 1999.

Entrando nos anos 2000s, o Brasil recuperou a sua economia e sua importância foi reafirmada como o destino de recursos. Assim, os investimentos ao Brasil das empresas coreanas foram retomados. Especialmente, em 2010, a escala de investimento para o Brasil foi além de US $ 1 bilhão pela primeira vez e, assim, o país emergiu como um dos oito países que são destinos de investimentos da Coreia do Sul. A quantia do investimento para o Brasil no ano de 2010 até o fim de junho de 2011 superou 30% da quantia acumulada do investimento (aproximadamente 30milhões de dólares) (Kwon 2011).

Investimento Direito anual da Coreia do Sul para o Brasil (unidade: um milhão de dólares)			
Ano	**Mundo Inteiro**	**Brasil**	**Proporção de Investimento (B/A, %)**
2000	5.290	28,51	0.54
2001	5.320	18,82	0.35
2002	4.021	3,07	0.08
2003	4.831	6,98	0.14
2004	6.766	19,89	0.29
2005	7.287	174,67	2.40
2006	11.701	110,20	0.94
2007	22.608	264,79	1.17
2008	23.993	635,09	2.65
2009	20.152	131,53	0.65
2010	23.285	1.051,15	4.51

Tabela 1. Investimento Direito anual da Coreia do Sul para o Brasil: Export-Import Bank of Korea´s Overseas Investment Statistics

As modalidades de investimento das empresas coreanas podem ser divididas

pelo tipo de mercado que tem como objetivo a venda de produtos no mercado brasileiro, pelo tipo de acesso a recursos naturais, pelo tipo de busca de eficiência que visa o baixo custo de produção e pela busca de investimento na área de R&D (*research and development*).

Quando começou o investimento de produção no Brasil na década de 1990, o objetivo principal era garantir o mercado interno local. De forma representável, a LG e a Samsung realizaram o investimento de fabricação com a finalidade de conseguir as vendas no mercado brasileiro. Como o tipo de investimento para o desenvolvimento dos recursos naturais, os investimentos no setor de aço da POSCO e da Dongkuk Steel, os do setor de petróleo e minerais da SK Energy e osda reformulação de cana de açúcar da CJ são os representantes sul-coreanos mais presentes no território brasileiro. Por outro lado, com menos suporte do governo brasileiro com o benefício fiscal, os investimentos na área de R&D está no nível baixo (Kwon 2011).

O investimento para o Brasil é dirigido principalmente pelas empresas grandes como Samsung Electronics, LG Electronics, POSCO, CJ, Hyundai, etc. Especialmente as empresas eletrônicas estão expandindo a produção e as vendas em torno das vendas de produtos Premium destinado à classe alta e dos produtos promissores testados no mercado local.

Após 2008, apareceram pesados investimentos em quota (*quota investment*). Por exemplo, Samsung e da Hyundai adquiriram uma participação de um estaleiro local e a POSCO adquiriu as empresas de mineração do Brasil pelo consórcio que inclui a Nippon Steel do Japão.

As áreas de investimento também foram diversificadas. Por exemplo, a empresa coreana Mirae Asset entrou no setor financeiro instalando subsidiária local e, na sequência, Hyosung estabeleceu a fábrica para a produção proveniente de spandex. Além disso, um dos novos padrões de investimento é que as empresas conglomeradas e as empresas de pequeno e médio porte entram no Brasil juntamente. Tipicamente, as empresas de componentes estão entrando no território brasileiro perseguindo o investimento da Hyundai Motor (Kwon 2011).

Produtores Coreanos no Brasil

Nome da Empresa	Área de Investimento	Produtos Principais
Samsung Electronics	Manaus	TV Colorida, Monitor, Disco Rígido, DVD, Áudio, Câmera digital
	Campinas	Celular, Monitor, Impressora, Laptop
	Limeira	LED TV
LG Electronics	Manaus	RT Colorida, VCR, Micro-ondas, DVD, Ar-condicionado
	Taubaté	Monitor, Celular, Mídia de armazenamento óptico (CDR, CDRW)
	Paulínia	Geladeira, Micro-ondas
POSCO	Vitória	Pelotas
Seoul Electronics & Telecom	Manaus	Transformador de Áudio, Coil para TV
CJ	Piracicaba	Lisina (para a produção de rações dos animais)
Hyosung	Americana	Tire Cord
Hyundai Motor	Piracicaba	Carro
Doosan	Americana	Equipamentos Pesados
Mando	Limeira	Peças Automotivas
Hyundai Heavy Industries	Rio de Janeiro	Equipamentos Pesados

Tabela 2. Produtores Coreanos no Brasil : KOTRA, Trade Center in Sao Paulo

Capítulo 3 – Avaliação da Parceria entre a Coreia e o Brasil

3.1 Avaliação da Parceria dos Governos

Apesar de ter a maior potência quanto à cooperação de indústria e tecnologia entre os dois países, essa área é a menos desenvolvida até agora. O exemplo que mostra isso pode ser encontrado na comissão ministerial para a ciência e a tecnologia, que foi realizada pela primeira vez, depois de quase 20 anos desde que os dois países assinaram o acordo de cooperação bilateral de ciência e tecnologia em 1992.

No fim do ano de 1990, houve uma oportunidade importante entre a Coreia do Sul e o Brasil para avançar nos projetos de cooperação técnica. Essa oportunidade era o acordo para estabelecer o fundo cooperativo para o desenvolvimento de pesquisa entre a Coreia e o Brasil, que é o resultado do comitê de Coreia-Brasil para o século XXI. Essa proposta de fomentar o fundo cooperativo era única no setor de cooperação técnica entre o Brasil e os outros países na época.

Então o governo brasileiro tinha muito interesse em fazer a cooperação de indústria e tecnologia com a Coreia e agiu ativamente para criar o fundo cooperativo. No entanto, essa proposta da comissão do século XXI foi operada como um plano pequeno para a cooperação técnica na indústria sob a condução do Instituto de Tecnologia de Produção por causa de falta de atenção do governo coreano e da crise econômica. Como resultado, a Coreia perdeu uma oportunidade importante para progredir rapidamente na cooperação de longo prazo de tecnologia industrial com o Brasil no nível de parceria estratégica (Kwon 2011).

Entrando na década de 2000, internacionalmente, a importância estratégica do Brasil foi enfatizada e a Coreia do Sul tem buscado as cooperações em vários campos. Consequentemente, a Coreia conseguiu estabelecer a parceria institucional em vários campos como o comitê de cooperação de recursos naturais, o comitê de cooperação industrial, comitê de agricultura. Em 2011, a comissão conjunta ministerial de tecnologia e de ciência Coreia-Brasil foi realizada e, com isso, estabeleceram uma base para várias cooperações além da preparação do fundo conjunto de tecnologia e ciência.

No entanto, nos últimos anos, apesar dos vários esforços do governo sul-coreano, as condições para a cooperação tecnológica industrial com o Brasil foram

alteradas significativamente, mais do que no fim de 1990 quando foi realizada a comissão do século XXI. A estatura política e econômica brasileira aumentou consideravelmente, mais do que na década de 1990, e os países que perceberam o valor estratégico do Brasil estão oferecendo competitivamente as cooperações de tecnologia e indústria. Nessa circunstância, a possibilidade de que a cooperação com a Coreia seja destacada como uma prioridade para o governo brasileiro não é alta.

Também o cancelamento do plano de instalação de centro de IT (Informação de Tecnologia), o qual foi aprovado com a visita no Brasil do presidente coreano Roh Moo Hyun em 2004, é avaliado como uma grande perda na cooperação industrial Coreia-Brasil. O governo sul-coreano já tinha estabelecido um centro de cooperação de TI (Tecnologia de Informação) no México e no Chile, presença concreta na América Latina, com o objetivo de apoiar a expansão das empresas coreanas através do reforço do sistema de cooperação de Tecnologia de Informação.

3.2 Avaliação da Parceria das Empresas

Recentemente, mesmo que tenha cooperações de tecnologia ativamente em torno das empresas grandes como a LG Electronics e Indústrias Pesadas da Samsung, a cooperação no nível empresarial é considerada como um passo inicial importante. Porque a maioria das empresas utiliza a Lei de Informática fornecida pelo governo brasileiro para investir na área de P&D (Pesquisa e Desenvolvimento), ao invés de fazer o investimento voluntário.

Além disso, as cooperações técnicas das empresas de pequeno e médio porte são quase inexistentes. Também, a interação entre as atividades de P&D (Pesquisa e Desenvolvimento) das empresas coreanas e do sistema de inovação nacional brasileiro está muito pequena até agora.

O resultado de um questionário feito em 2009 às empresas coreanas que entraram no Brasil mostra bem a avaliação acima. No resultado do questionário sobre a fonte da introdução de técnica das subsidiárias coreanas locais, foi demonstrado que 80% delas dependem de tecnologia das empresas maternas no país de origem e 20% delas dependem de um terceiro país. Porém, a pesquisa demonstra que a introdução de tecnologia através da pesquisa local ou da empresa brasileira, com a gual tem parceria, ou da instituição não existiu (Kim 2007).

Também em 2006, a KOTRA realizou um questionário sobre "Qual será a maior dificuldade para entrar no mercado brasileiro?" para as empresas coreanas que investem, com a finalidade de analisar as situações de operação delas. O resultado mostrou que elas estão tendo dificuldades por causa do sistema administrativo complexo do Brasil, de falta de informação quanto ao mercado brasileiro, do sistema fiscal complexo com o imposto alto, da burocracia ineficiente e da administração de emprego e de trabalho, entre outros (Kim 2007).

Capítulo 4 – Cooperação Brasil-China

4.1 A República Popular da China

Após a reforma política e a abertura da China em 1978, a economia chinesa tem crescido rapidamente e entrou numa nova fase de desenvolvimento surgindo como um dos maiores mercados do mundo, depois de juntar-se à Organização Mundial do Comércio (OMC) em dezembro de 2001. A economia chinesa foi ao mínimo de crescimento, no primeiro trimestre do ano de 2009, pelo efeito da política para estimular a economia após a crise financeira global, mas, no segundo trimestre, foi obtida em uma ascensão vertical. Em 2010, o PIB da China marcou 10,3% de crescimento e surgiu como o país que possui a segunda maior economia do mundo, superando o Japão (NAVER, acessado em 13/03/2015).

De acordo com a Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD)[1], a China teve o fluxo de Investimento Estrangeiro Direto (IED) de 1057 milhões de dólares em 2011 e com isso tornou-se o segundo maior país do IED. De janeiro de 2011 a setembro do mesmo ano, as parcelas ocupadas nas importações e exportações pelas empresas de capital estrangeiro eram de 52,4% da exportação, 49,8% da importação (NAVER, acessado em 13/03/2015).

Em relação ao aumento dos investimentos para a China, há dois fatores caracterizadores. O primeiro é a expansão gradual da abertura ao exterior, depois de entrar na Organização Mundial do Comércio, e a reforma do sistema econômico da China, buscando as mudanças no ambiente da macroeconômica. Em segundo lugar, o mercado interno estava em expansão devido ao crescimento da economia chinesa e do nível de renda da população (NAVER, acessado em 13/03/2015).

4.2 Cooperação da China com o Brasil

A crescente influência chinesa no Brasil foi avaliada com cuidados para determinar se ela deve ser um aliado importante do país, porque o aumento do investimento estrangeiro direto chinês poderia ajudar o desenvolvimento da economia brasileira. Assim, a China tornou-se a maior parceira econômica do Brasil

---

[1] UNCTAD (United Nations Conference on Trade and Development), que é composta por 194 Estados-membros, é o órgão das Nações Unidas responsável por lidar com questões de desenvolvimento.

em 2009 (NAVER, acessado em 13/03/2015).

A China ampliou o investimento estrangeiro direto especialmente para o Brasil na América do Sul, porém a escala de investimento tem sido limitada a matérias-primas como energia e minerais. Mas, em 2010 e em 2011, o investimento chinês alargou o seu âmbito de matérias-primas à venda de produtos industriais.

A visita do presidente Xi Jinping no Brasil, em 2014, fortaleceu as relações entre os dois países. Por meio da reunião de cúpula com a presidente Dilma Rousseff, o presidente da China conseguiu assinar 32 novos acordos. Por isso, o Brasil garantiu a participação das empresas chinesas para os projetos de infraestrutura em toda indústria como a agricultura, mineração e indústrias automotivas (KOTRA-Global Window, acessado em 14/03/2015).

A China e o Brasil assinaram vários acordos em campos diversos e imensos como a área de política internacional, de economia, de comércio, de ciência e tecnologia. E a escala do investimento foi estimada em 40 milhões de dólares, apenas para a construção da planta de produção de motor para os transportes públicos no Brasil e para a construção da planta de produção de equipamentos de construção.

Além disso, ela tenta melhorar sua posição no continente sul-americano através da cooperação econômica com o Brasil que, por outro lado, se pode analisar como a intenção de reprimir o Japão, com o qual está em um relacionamento desconfortável por causa de questões geopolíticas recentes.

Detalhes do Acordo Econômico Brasil-China em 2014

Campo	**Detalhes de Acordo**
Infraestrutura	- A fim de construir o trem transcontinental que passa por Goiás e Mato Grosso e liga do Pacífico até a Costa Atlântica, assinaram MOU (Memorando de Entendimento) entre a empresa chinesa CCRC (China Railways Construction Corporation) e a empresa de construção, Camargo Corrêa. - Para a construção de barragem no rio Tapajós do Brasil, Management Corportation of Three Gorges Dam da China, Eletrobras e Furnas assinaram MOU (Memorando de

	Entendimento).
Investimento	Para a expansão de co-investimento para os países terceiros, inclusive para os da África, assinaram no MOU entre o Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES), o Banco de Exportação-Importação da China, o Banco do Desenvolvimento da China (CDB) e a Corporação de Investimento da China (CIC).
Aviação	Companhia de Aéreo da China, Tianjin Airlines e ICBC Leasing decidiram para importar 60 de aeronave, E190, da Embraer que é a fabricante brasileira.
Indústria Mineral	O compromisso de financiamento do banco de exportação-importação da China no valor de US$ 5 bilhões de dólares à Vale.
Educação	Estabelecimento de MOU (Memorando de Entendimento) a fim de espalhar as oportunidades para ensinar a língua chinesa no Brasil.
Tecnologia	Início da operação do motor de buscar chinês "Baidu" no Brasil.
Energia	Estabelecimento de um acordo de construção de rede de transmissão de alta tensão em Belo Monte do Brasil entre Eletrobras brasileria e a corporação de State Grid da China.
Logística	Estabelecimento de acordo de logística entre o Correio do Brasil e a Ali Baba (a maior empresa chinesa de e-comércio)

Tabela 3. Detalhes do Acordo Econômico Brasil-China em 2014: KOTRA, Global Window.

Conclusão

Através da pesquisa acima, podemos ver que o Brasil é importante para a expansão dos negócios da Coreia do Sul na América do Sul. O aumento de investimentos de empresas sul-coreanas ocorreu na década de 2000, pois a nação sul-americana demonstrava estabilidade econômica e promovia incentivos para empresas internacionais ingressarem no país. O Brasil identificou a Coreia como possível parceira na área de cooperação técnica e educação, porque o país tem recursos dos quais o Brasil não possui como, por exemplo, tecnologia avançada, área de pesquisa e desenvolvimento ampla e um sistema de educação bem organizado.

Para melhorar as relações entre os dois países, foram desenvolvidas bases de cooperação institucional em vários campos, como o Comitê de Cooperação de Recursos, o Comitê de Cooperação Industrial e o Comitê de Cooperação na Agricultura. Porém, outras nações perceberam o valor estratégico do Brasil e estão oferecendo paralelamente outros tipos de colaboração no setor de tecnologia e de indústria. Assim, a possibilidade de fortalecer a cooperação com a Coreia como uma política prioritária para o Brasil é baixo.

Além da crescente competitividade, as empresas coreanas estão tendo dificuldades de entrar no mercado brasileiro por causa do sistema administrativo complexo, da falta de informação do mercado local, da gestão de emprego e de trabalho que são chamados “Custo Brasil”. Há países interessados em aumentar os investimentos no território brasileiro, mas esbarram na burocracia e na falta de informações relativas às leis nacionais. A Coreia não tem como alta prioridade estabelecer parceria com o Brasil, devido às dificuldades de as empresas sul-coreanas de se estabelecerem no território brasileiro.

O que parece atrair o governo brasileiro é o investimento e troca de conhecimentos na área de tecnologia e de educação, portanto, esses campos precisam ser explorados pelas empresas sul-coreanas para ajudar o país é aumentar a influência no mercado da América do Sul.

O governo brasileiro avalia que, como a Coreia tornou-se um país desenvolvido através da política ativa de tecnologia e de educação, o Brasil teria de seguir o mesmo caminho. Para a pesquisa acadêmica brasileira, o assunto da

experiência de desenvolvimento econômico e técnico coreano é um tema típico discutido em centros de ensino superior, mas deveria ser discutido profundamente pelos órgãos interessados no intercâmbio de informações e conhecimentos.

Em relação à China, a economia continua crescendo rapidamente e, assim, está aumentando a tecnologia de forma inclinada, o que atrai interesses de grandes empresas e até mesmo de países para fortalecer as relações comerciais. Acima de tudo, a China, ao conseguir as cooperações econômicas em larga escala em 2014, ameaça a posição da Coreia. Consequentemente, o valor da Coreia como um parceiro comercial deprecia-se e isso pode ser considerado como um fator que dificulta a cooperação.

Dessa forma, a Coreia deve tentar explorar as áreas de maior interesse do governo brasileiro para conseguir diminuir a burocracia e conquistar incentivos, de forma que os dois lados saiam ganhando: o Brasil no desenvolvimento e a Coreia no mercado.

A cooperação pode vir de várias formas, como, por exemplo, com a parceria por meio da instalação de escolas técnicas profissionais junto com o governo coreano, para as empresas ingressarem no Brasil ou da instalação de um centro de tecnologia industrial a fim de apoiar a expansão do local das empresas de pequeno e médio porte.

Por outro lado, o Brasil precisa pensar bem sobre a questão: "A China é o parceiro de que o Brasil realmente precisa?" A parceria com a China pode ser efetiva para refrear o unilateralismo dos Estados Unidos, mas haverá um limite para continuar a parceria estratégica com a China, pois ela é um dos membros do G2 (grupo de 2) que promove um novo sistema bipolar em questões de finanças internacionais e de comércio. A respeito disso, o Brasil deve considerar a Coreia como uma alternativa adequada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Jo, Hee-Moon. **Korea´s Foreign Policy Towards Brazil (1959-2009): An Analysis of the Past, the Present, and the Future**. Seoul: Korean Association of Luso-Brazilian Studies, 2009.

Kwon, Kisu. **The Rise of Brazil: Ways to Expand the Industrial Cooperation between Korean and Brazil**. Seoul: KIEP (Korea Institute for International Economic Policy), 2011.

Kwon, Kisu. **The Northeast Region of Brazil: Its Investment Environment and Ways to Expand Korea's Participation**. Seoul: KIEP (Korea Institute for International Economic Policy), 2012.

Kim, Kwang Dong. **Brazil's Change to Sales Summit Diplomacy**. Joongang Ilbo, 24.11.2004.

Kim, Won Ho & Jung, Eun Suk (Ed.). "**Korea's Diplomacy to Latin America". Korea's Diplomacy to Developing Countries**. Seoul: Hanul, 2009.

Kim, Won Ho. **Brazil's Power Diplomacy and Implications for Korean-Brazilian Relations**. Seoul: KIEP (Korea Institute for Iinternational Economic Policy), 2011.

Kim, Young Chul. **Korean Companies' Launch into the Brazilian Market through Korean Immigrants in Brazil**. Seoul: KIEP (Korea Institute for International Economic Policy), 2007.

Ministry of Foreign Affairs (Mofa). **Korea Diplomacy 50 Years**. Seoul: Mofa, 1999.

Ministry of Foreign Affairs and Trade (Mofat). **Diplomacy White Paper 2003-2007**. Seoul: Mofa, 2008.

REFERÊNCIAS DE MÍDIAS DA INTERNET

Bank of Korea, Overseas Investment Statistics.
http://m.koreaexim.go.kr/mobile/stat/list.jsp?bbs_code_id=1311913793879&bbs_code_tp=BBS_2&req_pg=2 acesso em 09/03/2015

KITA(Korean International Trade Association).
http://stat.kita.net/stat/kts/ktsMain.screen acesso em 09/03/2015

KOTRA, Global Window.
http://www.globalwindow.org/gw/overmarket/GWOMAL020M.html?BBS_ID=10&MENU_CD=M10103&UPPER_MENU_CD=M10102&MENU_STEP=3&ARTICLE_ID=5018120&ARTICLE_SE=20302 acesso em 14/03/ 2015

KOTRA, Trade Center In Sao Paulo.
http://www.kotra.or.kr/KBC/saopaulo/KTMIUI130M.html?SITE_CD=01005&SITE_SE_CD=1039418&TOP_MENU_CD=33685&LEFT_MENU_CD=35543&MENU_CD=35543 acesso em 10/03/2015

Naver, Perspectivas e Tendências da Economia Chinesa.
http://terms.naver.com/entry.nhn?docId=2081335&cid=48564&categoryId=48564
acesso em 13/03/2015

Naver, Questões-chave entre a Coreia e o Brasil.
http://terms.naver.com/entry.nhn?docId=2072604&cid=48543&categoryId=48543
acesso em 09/03/2015

Naver, Tendência Presente da Economia Chinesa e a Política.
http://terms.naver.com/entry.nhn?docId=1687356&cid=43792&categoryId=43793
acesso em 13/03/2015